

Anadia, 22 de Fevereiro de 1970.

Meu bom Amigo

Ando verdadeiramente atafegado de trabalho, razão por que não respondi logo à sua carta de 6 do corrente, que muito agradeço. Claro que li com o maior interesse o recorte do jornal "La Voz de Galicia" referente ao caso da carta aberta de Felipe Fernández Armesto, que aliás continha verdades grossas como punhos. Esqueceu-se porém, meu caro Piñeiro, de me mandar a própria origem do "crime", que é a carta incriminada. Não me pode arranjar um recorte? Era favor.

Muito me alegrou o que me diz do ensaio de reforma ortográfica, por iniciativa da Academia Galega, que é, naturalmente, o órgão indicado para a levar a cabo. E também estou perfeitamente de acordo que se proceda por etapas, submetendo esta primeira tentativa à crítica dos competentes e dos interessados, que são, em primeira linha, os escritores. Peço-lhe que me vá pondo ao par do que se passa, pois essa unificação é um instrumento indispensável e sumamente urgente. Para que o galego seja uma língua literária é necessário que se empobreça e que se discipline. Não acha, meu querido filósofo?

É curioso o que me diz sobre a utilização do Boletín da Academia Galega para os trabalhos da Universidade. Sabe que eu cheguei a pensar nisso? Vendo a pobreza franciscana desse órgão acadêmico, imaginei que a intrusão do elemento juvenil nas suas páginas o pudesse vitalizar. Por outro lado, receei que o mofo da velhice pudesse contagiar a própria juventude... E desisti. Mas efetivamente seria bom utilizar o Boletín, pelo menos a título de experiência. Para isso é fundamental a pontualidade. Podem contar comigo. Aliás, já sugeri ao Martínez-Risco a necessidade duma reedição do Martín Codax de Oviedo y Arce e do Pero G. Barroso de J. J. Nunes. Saudades às senhoras.

*Manuel J. J. J. J.*

*Um grand abraço*

*P.S. - Fazem um mês respeito com o senhor, mas está o aspecto de Piñeiro e partes de "Anadia de Janeiro".*